

14º Congresso Brasileiro de Design: Conversação

Processos de escrita: correspondências entre escrita e pesquisa no fazer acadêmico

CAMARGO, Paula de Oliveira; Doutora; Esdi-Uerj

paulapoc@gmail.com

MELIANDE, Clara; Doutoranda; Esdi-Uerj

clara@clarameliande.com

SIRITO, Marina V. C.; Doutora; Esdi-Uerj

marina.sirito@gmail.com

Pouco conversamos entre pesquisadoras e pesquisadores sobre como escrevemos. A escrita costuma ser tratada como algo natural e objetivo, que estamos aptos a fazer pela experiência já adquirida. Mas que modos de escrita são possíveis fazer na academia? Essa conversação teve como objetivo a troca entre pós-graduandos sobre modos alternativos de escrita que tenham consonância com os temas e métodos do que pesquisamos. Buscamos a compreensão sobre como o fazer acadêmico, que sugere uma forma de escrita cientificista, pode dar conta de pesquisas que buscam explorar essas outras formas de pensar e fazer design, com objetivo de caminhar para a produção de uma escrita que valorize os afetos e as correspondências entre a pesquisa e os modos de realizá-la, o objeto e a pesquisadora.

Palavras-chave: Escrita acadêmica; correspondência; pesquisa em design.

1 Apresentação do tema

A tarefa de escrita de uma pesquisa de mestrado ou de doutorado é um processo que requer fôlego. Ao longo dos anos, produzimos artigos estruturados, anotações soltas, diários de campo, entrevistas, entre outros documentos escritos. Como se dá a costura e o processo de fazer escrita através desses fragmentos de tempo? Como o processo de escrita e edição pode ser menos solitário? Como escrevemos juntos e não sobre? Como nos afetamos pelos objetos, imagens e pessoas que compõem nossa pesquisa? O que forma a tese? Tudo é tese? Essa conversação se propôs a pensar, juntas, formas de escrita e edição de teses e dissertações que façam sentido com as características e individualidades de cada pesquisa.

Através da ideia de “afetar e ser afetado” de Jeanne Favret-Saada, e de agenciamento, de Alfred Gel, exercitamos pensar com imagens, pensar com coisas e objetos, pensar com pessoas, pensar com a multidão e pensar com o tempo através da proposta da escrita afetiva de cartas. Vamos pensar também sobre estratégias de edição de materiais diversos, produzidos ao longo dos anos de pesquisa, com propósitos diferentes, abordando a proposta de Ursula K. Le Guin em sua “Teoria da bolsa da ficção”.

Também nos apoiamos no que o antropólogo Tim Ingold apresenta, nomeia ainda, o conceito de *doing undergoing* (algo como fazer enquanto se passa pela experiência de fazer), em que o fazer é, também, capaz de “fazer” quem o performa, numa correspondência entre quem faz e o que faz. Nesse sentido, não haveria um agente passivo (tese / dissertação sendo feita) e um agente ativo (pesquisador[a] que faz a tese), mas um “fazer-tese” constituído por uma troca de saberes entre quem faz a tese e por ela é, concomitantemente, afetado(a).

A partir de algumas dessas referências teóricas, das nossas próprias escritas e das escritas de outras teses e dissertações, pois não acreditamos em uma escrita não situada, falamos sobre esse escrever como, sobretudo, processo. Afetar e ser afetado(a) pelo que se escreve. Assim, entendemos que tanto escrevemos como somos “escritas” por essas correspondências, transformando a experiência acadêmica em um encontro de quem se é enquanto pesquisador(a).

2 Justificativa e relevância

Essa proposta de conversação se interessou em criar um grupo de trabalho dedicado a pensar sobre como escrevemos nossas pesquisas. Pouco conversamos sobre esse processo entre nós, pesquisadoras e pesquisadores, pois a escrita costuma ser tratada como algo natural e objetivo, que estamos aptos a fazer pela experiência já adquirida. Mas nos perguntamos que modos de escrita são possíveis fazer na academia, trazendo exemplos de escrita e edição não convencionais para discutir esses limites. Conversamos sobre como podemos escrever de maneira que faça sentido com os métodos de pesquisa que usamos e com os quais nos sentimos melhor.

O ensino do design, assim como da arquitetura e urbanismo, áreas de formação das proponentes desta conversação, privilegia o desenho, o fazer com as mãos, a aprendizagem de softwares, e outros instrumentos que capacitam estudantes (futuras[os] profissionais) a atuarem no campo profissional após a graduação. No entanto, ao adentrar os programas de pós-graduação, esse ferramental passa a não ser mais o principal instrumento, dando lugar à escrita.

A expectativa de que um documento escrito extenso seja entregue ao final do processo pode ser, para muitas pessoas, assustadora. A escrita extensa é bastante diferente da de um memorial descritivo, uma justificativa de projeto, ou uma apresentação de um artigo. As ideias

encadeadas que geram um documento coerente são próprias do tempo longo (dois anos no mestrado, quatro no doutorado) que constitui a escrita de uma dissertação ou tese. Assim, como fazer para “entrar” neste modo, o “modo de escrita”, aceitando que fazer a escrita é também ser afetada(o) por ela?

Algumas dessas perguntas, muito próprias de pós-graduandas(os), foram endereçadas durante a conversação, justificando sua relevância por constituírem uma questão comum a todas e todos que precisam produzir uma dissertação, tese ou outros textos acadêmicos, resultado do trabalho de pesquisadoras(es).

3 Objetivos da Conversação

Nos interessamos por investigar modos alternativos de fazer design e compartilhamos com o grupo a inquietação de como dar formas alternativas à nossa escrita, que tenham relação e consonância com os nossos temas e métodos. E ainda, entender como o fazer acadêmico, que sugere uma forma de escrita cientificista, daria conta de pesquisas que buscam explorar essas outras formas de pensar e fazer design. Também nos perguntamos o que estamos propondo quando alteramos o modo tradicional de produzir um texto científico.

Seguindo essas perguntas norteadoras, debatemos com as participantes os limites entre a escrita acadêmica e outras formas de escrever e, deste modo, fazer pesquisa em correspondência com humanos e outros que humanos.

4 Descrição da atividade

4.1 Perfil do grupo

Tivemos como participantes alunas de pós-graduação, tanto do design, do programa de pós-graduação em design da Esdi-Uerj (Fabiana Duffrayer, Carolina Noury), quanto em ciências sociais, especificamente, da UNICAMP, vinculadas ao Núcleo de Estudos de Gênero Pagu (Patrícia Montenegro Matos Albuquerque, Mari Lourdes Santos Lima). Percebemos, no grupo, o interesse por uma pesquisa situada, afetuosa e que se encontra com a vida pessoal da estudante. Entendemos que a busca por uma escrita descolada dos modos tradicionais de escrita acadêmica é objetivo e também exercício de cada uma das pessoas que participaram da atividade. Com isso, percebemos que a busca por construções de pesquisas que assumem uma relação de correspondência entre pesquisadora, objeto pesquisado e escrita, tem sido uma preocupação e necessidade de outras pessoas em campos de interesse diversos.

3.2 Dinâmica da atividade

Pedimos antecipadamente que as participantes inscritas escrevessem uma carta com o intuito de conhecê-las, e também as suas pesquisas e anseios, a fim de exercitarmos com o grupo respostas a elementos das pesquisas uma das outras. Como objetivo secundário, entendemos a formulação das cartas enquanto um dispositivo que nos convida a uma escrita outra, mais pessoal e afetada, que suscita a troca sobre outros modos de escrever e lidar com a pesquisa e o pesquisar. Ao lançarmos a proposta, direcionamos a produção das cartas a partir das perguntas: o que você diria para uma pessoa distante temporalmente de você e que aparece como objeto de sua pesquisa? O que você escreveria para você mesma(o) no início de sua pesquisa (acadêmica?) de mestrado ou doutorado?

Para a construção de uma atividade mais horizontal, também produzimos nossas próprias cartas que foram disponibilizadas com as demais antes do encontro.

3.3 As cartas

Carta 1:

Caro Lefebvre,

Navarrenx, França

09 de outubro de 2022

Nos conhecemos já faz alguns bons anos e tem sido muito bom, nos últimos dois, voltarmos a dialogar sobre um assunto tão caro para nós, o direito à cidade. Aliás, caro a um tanto de gente. Um legado seu, creio.

Verdade que, desde a graduação, me acompanha uma inquietação a respeito do enorme abismo entre nossos estudos sobre o fazer cidades e as cidades que se fazem, de fato. Eu queria, à época, ser capaz de encontrar uma solução para a crise das cidades através do projeto. Mas finda - ou parcialmente, uma vez que existem visíveis vestígios - a ingenuidade que acompanha a juventude profissional, a coisa mudou um pouco de figura. Alguns anos, muitas práticas e leituras depois, penso que construímos cidades cheias de falhas porque assim são as sociedades. “A sociedade urbana se forma enquanto se procura” você nos disse certa vez. Já cheguei a culpar indiscriminadamente a falta de vontade política, essa força i(super)material dos tomadores de decisão. E apenas recentemente me convenci de que uma disciplina isolada não é capaz de mudar o mundo, muito embora você também já advogasse a esse respeito.

São muitas as revoluções necessárias para a criação de outros mundos possíveis. Contento-me (um pouco mal) em me ater às pequenas revoluções possíveis dentro do meu (estrito) campo de conhecimento. Mas cheguei a vagar por outras disciplinas, e nelas encontrei rico material. Conversei com o Ingold menos sobre antropologia e mais sobre como nos relacionamos com o ato de construir coisas e como as coisas nos constroem de volta. Harvey falou um pouco sobre isso, mais especificamente, se referindo às cidades. Papanek e Kenya Hara também o disseram, se referindo ao design. Encontrei alguns outros autores que muito me tentaram desviar para outros caminhos, caminhos mais que humanos, como Haraway, Anne Marie Willis e Coccia. Esses desvios, posso afirmar, foram muito bem-vindos. Convenci-me, eu e Escobar, de que todas as coisas estão relacionadas, assim como o senhor costumava dizer sobre cidade, política e sociedade.

Diante do ainda muito latente tecnicismo do urbanismo, decidi que meu lugar pode ser no Design. E qual campo melhor para se discutir cidades, onde se constrói mundos literal e metaforicamente?

Sigo na difícil empreitada de costurar retalhos em busca de um pensamento maior. De um tanto de ideias costuradas que seja capaz de dar conta da enorme complexidade da vida social e de sua materialização no urbano. Tenho me debruçado sobre materialidades, subjetividades e insurgências que possam fornecer pistas a respeito de conceitos que gostaria de ver difundidos.

Acredito na luta contra o que Escobar se refere como “as quatro crenças fundamentais na ordem onto-epistemológica moderna”. Tenho especial interesse pela crença no indivíduo. Aí mora, segundo o esboço da minha colcha de retalhos, o verdadeiro xis da questão.

Abraços cordiais

Carta 2:

Olá, queride leitor.

Escrevo de um tempo outro, cuja dimensão presente-passado-futuro já terá se perdido tão logo que você comece essa leitura. E, afinal, lhe pergunto: qual a importância de demarcá-lo? Aqui, escrevo em sinal de abertura, com um sorriso no rosto e vontade de que essas poucas palavras possam lhe encontrar como se fossem sensações-afago, assim como é o primeiro gole de café preto na manhã, acompanhado pelo vento gelado do sereno que invade o rosto. Sinto que nesse sussurrar as presenças invisíveis nos fazem um convite para permanecer, não importa o quão difícil esteja. O amanhecer é sempre uma chance.

É sabido que são tempos sombrios para quem sonha, para quem cria e para quem segue saracoteando na contramão. Escrever - para quem procura ou precisa - está sendo mesmo um grande desafio. No entanto, quero semear algumas dúvidas, plantar suspeitas e germinar possibilidades com você. Este ano, fiz um propósito: como posso me levar menos a sério? De que maneira posso abandonar a rigidez das certezas, das respostas fáceis - pois prontas - e me colocar no desafio do erro? Em errâncias talvez estejamos mais atentas aquilo que nos avizinha, que é próprio do viver. Você já parou para pensar (e contabilizar) a porção de erros que se comete ao longo do dia? Desde o acordar, no desvio distraído durante a contagem de gotas para adoçar o café, o esquecimento das chaves ou das janelas abertas. A roupa no varal que aguardava a secagem, mas encontrou a chuva. O descompasso temporal entre a chegada do ônibus e a saída de casa. O esquecimento pontual daquele nome, cuja menção se faria importante. O avolumado número de tarefas na agenda e o apressado do relógio. São tantos micro-acontecimentos! Infinitos! O que eles nos dizem? Talvez em um outro momento, em situações semelhantes, o corpo se organize de outra maneira. O erro marca, parece cavar um espaço significativo na memória. Mas também cria brechas, em instantes de possibilidades infinitas.

De mim para você e de você para mim: procure caminhos para abandonar a ideia de que a experiência da escrita - seja ela qual (e quando) for - é definitiva ou definidora. Ela é apenas processo, assim como é o acordar, levantar, caminhar, banhar-se. Requer traquejo, paciência, tempo e por vezes distanciamento. Mas exige, acima de tudo, experimentação. Enfrentar é parte do risco. Lembre-se: não fazer é arriscar também. Não há território seguro. Não há alívio imediato. Ainda que a ilusão alimente, indo ou ficando, ganharemos e perderemos. Considere algo simples, daqui em diante: continuar a caminhar na tentativa.

Um forte abraço!

Carta 3:

Carta em defesa do luto

Olá, mulheres enlutadas da família de Josy,

Durante quase um ano, tenho pensado sobre o evento da morte de Josy. Tenho os fatos para acessar à memória. Tenho também o desafio de pensar a leitura teórica sobre esses fatos à luz das Ciências Sociais. É importante dizer que essa morte foi me afetando gradativamente: a notícia em três de março de 2021, a causa em decorrência da covid-19, a memória do corpo de uma mulher já depauperado pelas comorbidades e por fim o entendimento de uma forma adocida de vida precarizada pelo trabalho extenuante.

Essa morte desenhou um luto da família e na família, por isso é custoso para mim escrever para vocês, mulheres da família de Josy. O luto da família veio do ritual das dores que acompanhei: o telefonema que fiz para a irmã mais nova Gilcéia, as condolências dadas à mãe convalescente de um tratamento de câncer e o fechamento do pequeno restaurante de comida caseira de Josy, chamado de Cantinho do Sabor. Esse luto da família constitui, portanto, uma cadeia de outros lutos.

Essa memória da morte todo tempo me acompanha para refletir sobre a ideia de ruínas sementes de Boaventura Santos (2019). Na sua proposição, Boaventura (2019) trata da insurgência de corpos subalternizados. Para minha memória, família, um corpo desceu à sepultura, gerou o luto na família e precarizou mais ainda as vidas das mulheres da casa de Josy. Mas, paradoxalmente a tudo isso, a lembrança das narrativas de Josy, quando conversávamos, são as sementes de um corpo jaz em ruínas.

Dessa maneira preciso conversar com vocês, mulheres, porque as perdas continuam. Soube por Gilmara que dona Miguelina, a mãe, morreu um ano e três meses após a morte da filha e soube também que a família tem passado por sérios problemas financeiros. Então me pergunto: como uma família gerida por mulheres têm lidado com essas mortes? Como vocês têm se reorganizado para cuidar dos filhos e netos órfãos? Pretendem abrir novamente o restaurante de comida caseira?

Sobre essa continuidade daquilo que vocês pretendem fazer para seguir em frente, surge também meu interesse em pensar algumas questões teóricas do evento morte. Essa reflexão surgiu de uma fala de Josy: “Eu preciso trabalhar de domingo a domingo.” Tal declaração está correlacionada a outra fala extraída da pesquisa do historiador Clássio Santana (2014). Essa outra fala foi de Madalena Garcia, uma ganhadora forra que vendia quitutes pelas ruas da cidade de Cachoeira na Bahia. Garcia escreveu um testamento três meses antes de morrer por compreender que sua morte era iminente, pois “ela precisava trabalhar de domingo a domingo”. De maneira que a declaração dada por essas duas mulheres negras, em séculos distintos, sobre a necessidade de trabalhar de domingo a domingo me faz pensar sobre essas continuidades. Que regime de vida das mulheres pretas tem se mantido para aproximar tais violências? Quais formas de governo de corpos estão instaladas nesse perfil de mulheres, pretas e pobres?

Por fim, mulheres enlutadas, de que maneira o colonialismo, o patriarcado e o machismo têm marcado os corpos de mulheres da sua casa? Aliás, como essas compreensões também podem afetar vocês ou de que maneira minha reflexões no campo da Ciências Sociais podem ressoar como contra condutas a esses regimes de governabilidade sobre a vida de vocês e de suas antepassadas?

Por fim, essa carta faz algum sentido para vocês? Peço que me ajudem a encontrar respostas sobre essas questões. Eu as convido a pensar comigo essas respostas.

Quero finalizar confidenciando a vocês sobre o estado de afetação com a vida de ganhadeiras de ontem e de hoje. Os eventos das mortes dessas mulheres não foram enfrentados como um luto coletivo de uma comunidade que sai da cozinha para comercializar alimentos e consequentemente têm exaurido suas vidas.

Escrevo assim a vocês para não me encontrar sozinha nessa investigação e quero convidá-las a conversar comigo.

Abraços

Carta 4:

Querida,

Escrevo para te contar que, afinal, deu certo. Nossa tese foi escrita, e muito bem recebida pela nossa orientadora, pela banca, e por nossæs pares, pessoas queridas que, como nós, estão fazendo o mestrado ou o doutorado na ESDI, nossæs amigos do LaDA. E preciso te contar que estou vazia, um tanto oca, enlutada do doutorado que acabou. Acho que ainda não entreguei a cópia da biblioteca porque não tenho coragem de não ser mais doutoranda. Não quero desfazer nossos laços, mas como, se tá todo mundo indo embora? Tento me agarrar a um fio fino da nossa teia de afetos, mas sinto, e sei, que esse fio não segura por mais muito tempo.

Lembra quando você resolveu que ia fazer doutorado? Parece tudo tão distante, agora. Era 2016, e o Brasil estava de cabeça pra baixo. Nossa presidenta tinha sofrido um golpe de estado, e você estava ainda tentando entender aquele Brasil que você queria não temer, mas que temia, sim. Aquele futuro acabou vindo, né? Mas isso é outro assunto... Será?

Quando a gente entrou no boulevard da ESDI como aluna pela primeira vez, e foi enfim assistir aula... Você se lembra? Eu não sei se me lembro bem. Lembro de algumas aulas, sim, mas não da primeira, sabe? Lembro de quando comecei a questionar as traduções. O livro era "Reagregando o social", em que Bruno Latour contava sobre a Teoria Ator Rede, e também sobre suas famosas "questões de fato" e "questões de interesse". Se eu te contar que, de verdade, eu até hoje não sei, assim com segurança, quais são as questões de fato, e quais são as de interesse... Você acredita?

A gente se chateava, porque achava que matter of fact e matter of concern não cabiam naquelas traduções. Aí, a lombada do livro começou a descolar e você ficou mal humoradíssima tanto com o livro quanto com o Latour. Abandonou a leitura. Hoje, eu rio disso. Você se lembra? A primeira autora a explodir nosso cérebro no doutorado foi a Donna Haraway. Você leu o livro dela, *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*, e viu que ela era "das nossas". Viu que ela não estava ali só escrevendo. Viu que, para ela, cada palavra tinha importância, não só para criar uma teoria, mas para contar uma história. Depois, eu também li o livro. Lemos e releemos o livro, você em 2017, eu em 2022, e em todos os anos no meio, muitas vezes e de muitos jeitos. Acho que a Donna merece um agradecimento nosso, até porque muitas vieram a reboque dela: a Octavia, a Ursula, a Isabelle... Mas, sobretudo, ela nos mostrou o possível. Ao trazer a Medusa para a floresta de corais, ela nos mostrou que sim, havia um caminho, e que precisaríamos encontrá-lo.

Depois, vieram o Derrida e o Preciado. Nossos crushes. Você ainda estava ali, mas eu também já estava chegando. Já tinha pandemia, já tinha aula remota, já tinha o pior presidente, aquele que a gente não queria nem imaginar. Já tinha uns quilos a mais (mas não ainda tantos), já tinha uma angústia maior, já tinha aula remota, vírus e isolamento. Mas veio o Derrida. Primeiro, tal como eu agora, com suas missivas. "Apocalipse não, agora não", dizia ele. E o Preciado, se auto proclamando "um monstro" e comparando seu corpo a uma cidade grega construída sobre suas próprias ruínas. Eles dois, Derrida e Preciado, com aquelas fotos meio de lado. E você, já quase eu, pensando as ruínas do patrimônio cultural, pensando no esfacelamento do Brasil, pensando como fazer para escrever uma tese no meio daquilo tudo. E teve a bell, e o Simas. E a compreensão, cada vez maior, de que a introdução, o desenvolvimento e a conclusão não poderiam ser o único caminho possível. Não pra gente. Teríamos que inventar um caminho. Porque escrever, a gente escrevia, muito, sempre, mas nunca achava que aquilo era uma tese. Conta pra mim: lembra quando a gente descobriu? Um dia, quando a gente teve a epifania? Quando a gente entendeu que estava tudo lá? E que só faltava, mesmo, fazer? Você se lembra?

Carta 5:

Carta à Carmen Portinho

Cara Dona Carmen, me dirijo a senhora de maneira formal com o mais profundo respeito que tenho pela sua figura e sua história. Venho, há pelo menos um par de anos, acompanhando a senhora falar de um tempo sombrio que eu não vivi (apesar de também eu viver, de outro modo, um tempo de trevas). Acompanhei sua escrita formal, mas jamais burocrática, nas cartas, atas e memorando da Escola Superior de Desenho Industrial. Também consegui ouvi-la falar através da sua biografia e outras declarações – em jornais e outras pesquisas. Portanto, me sinto próxima a senhora, ou posso chamá-la de você?

Sou pesquisadora na mesma escola em que você foi diretora. Pesquiso especialmente o momento de impasse estrutural, quando as atividades da escola foram paralisadas em meio à convulsão política e à insatisfação estudantil. Não consigo nem imaginar o que foi viver 1968, ano já tão difícil, como diretora de uma escola em crise, em um país em crise. Depois de 14 meses em estado de paralisação, não se consegue efetivar a reforma pensada. Imagina se você e os alunos tivessem conseguido colocar em prática e a reforma tivesse ido em frente? O que a escola poderia ter virado?

Uma autora de quem gosto muito, La Paperson, defende que as possibilidades de mudança nos sistemas educacionais também acontecem sem necessariamente grandes mudanças estruturais. Levanta que as estruturas de ensino consolidadas e normalmente lentas em propor mudanças de grande porte podem ser alteradas por dentro, através da figura que ela chama de scyborg, alguém que recolhe os componentes que não têm mais valor para o sistema, apropriando-se deles e reorganizando, agindo como um vírus no sistema. Ao criar uma bagunça no aparato usando suas próprias estruturas, o scyborg pode desmontar a máquina por dentro, a fim de descolonizar a universidade. Me pergunto se esse tipo de tática não pode ter sido usada por professores, alunos e funcionários para inserir alguma forma de reforma. Os arquivos não conseguem me dar essa resposta. A simples descrição das ementas a que tive acesso não dão conta de responder. Quantas possibilidades de aula não cabem em uma mesma ementa?

Gostaria de contar que o tempo conseguiu mudar a escola. Sua anexação pela Uerj não teve, a meu ver, os efeitos danosos que você temia. A ESDI conseguiu manter sua autonomia e ao mesmo tempo, foi obrigada a diversificar o perfil dos alunos. Da escola que você presenciou – alunos e professores em sua maioria brancos, homens e parte da elite intelectual e econômica, vemos agora ocupando o boulevard uma diversidade maior de alunos, negros, pardos, periféricos e marginalizados.

Outra novidade que gostaria de te contar é que conseguiram convencer os professores mais antigos de que design não é só prática, mas também pesquisa, e abriu-se o programa de pós-graduação.

Além disso, ao longo dos anos, conseguimos expandir o significado de design (agora aceitamos os estrangeirismos) e temos conseguido relacioná-lo com outras áreas, como por exemplo, a antropologia. Um dos interesses que a antropologia me trouxe é entender como se pesquisar com, ao invés de pesquisar sobre. E eu ando me perguntando como pesquisar com mortos, ao se fazer pesquisa em história do design. Por isso te escrevo, para estabelecer nosso primeiro contato.

Um abraço afetuoso

Carta 6:

Oi vó,

Faz muito tempo que você se foi, 11 anos para ser mais exata, mas te sinto aqui presente em todas as decisões que tomo. Não tinha como ser diferente, você sabe. Eu tive muita sorte de ter habitado esse mundo contigo e ainda sinto tua presença através de suas histórias, das coisas que você deixou, de tudo que ensinou.. nossa, tanta coisa.

Sabe quando você levava a gente pra ver as folias de reis no 06 de janeiro? queria te contar que caminho com isso até hoje. Faz muito tempo que não vejo uma folia, mas não posso me esquecer das que vimos juntas. Um dia Papu me deu um texto que você escreveu sobre seu encantamento pela folia ainda criança e senti que parecia ser um texto meu - não poderia escrever tão bem quanto você, mas o sentimento me era muito próximo. Te falo isso porque foram essas coisas que parecem tão simples que me fizeram ter tanta curiosidade pelas ditas culturas populares e que transformaram meu caminho - num primeiro momento, acadêmico, e em seguida, profissional. Mas demorei muito tempo para me permitir entrar de fato nessa herança, me achei por vezes egocêntrica e por vezes pensei que essas coisas que me apresentou não tinham tanta importância assim, importância para virar tese de doutorado. Besteira.

Estou defendendo meu doutorado agora, Vó. É muito feliz poder concluir essa pesquisa no meio de tanta coisa estranha que estamos vivendo. E é muito bom ter tido coragem pra escrever essa pesquisa do jeito que escrevi, ter aceito que esse texto só seria possível se eu me permitisse deixar os afetos saírem nas linhas e entrarem nelas também. Eu não conseguiria de outro jeito.

Queria ter conhecido o teu processo de escrita, mas te conto que por aqui o texto nasceu. Às vezes por parto natural humanizado, às vezes por fórceps. Foi tomando o rumo que ele mesmo decidiu tomar, por onde a questão se punha mais latente. Não foi o caminho mais fácil, mas o que mais gerou afetos, atravessando meus pensamentos às vezes com linhas mais macias, às vezes enceradas, as vezes com linhas que mais parecem arames farpados. Mas sempre com encantamento - não aquele dos contos de fada, mas o que põe a vida no jogo e contesta todos os seus sentidos. Contestei todos os sentidos de escrever essa tese desse jeito. Me sabotei, me fiz de surda, fingi que não eram comigo aqueles chamados. Mas também me entreguei, me diverti, me encantei e me deixei transformar junto com o processo de escrita - parece que muitas marinas escreveram esse texto. Mas me parece que se a Marina de agora reescrevesse o texto da outra Marina, o reescrever não teria fim.

Me encontrei comigo de muitas maneiras, reaprendi a lógica do tempo. Coloquei no mundo lembranças muito pessoais e revisei lugares por vezes mágicos, por vezes dolorosos. Aprendi que vocês estão presentes e nunca deixarão de estar, em tudo o que eu faço. Sabe a folia de reis? Me levou por muitos lugares. O escrever se tornou o meio de muitas caminhadas, jeito de pisar o chão já pisado por você, mas não para refazer teus passos - seria impossível, mas para reconhecê-los e aterrar os meus. Passeio contigo, passeio com o que me deixou e com heranças outras de campos de conhecimento, de autores que, assim como você, trilharam longos caminhos em busca de transformar seus mundos.

Escrevo para agradecer e pedir licença para continuar pisando esse chão que me deixou aberto.

Com saudade

4 O encontro

No dia da atividade, já com as cartas em mãos, tanto das proponentes quanto das pessoas inscritas, dividimos a conversa em duas partes: primeiro, fizemos um exercício de leitura das cartas, onde lemos em voz alta as cartas uma das outras, possibilitando que nos conhecêssemos para além das formas mais tradicionais de apresentação, adentrando, ainda que brevemente, o universo de interesse das participantes por uma outra perspectiva.

Na segunda parte da conversação, trocamos sobre processos de escrita e edição através de exemplos que propõem outros modos de escrita e, assim, outros modos de fazer pesquisa. A partir dessas apresentações, conversamos sobre como superar os desafios presentes em uma pesquisa situada, que impõe que estabeleçamos relações com o que pesquisamos – humanos e mais que humanos – ao mesmo tempo em que produzimos uma pesquisa científica a ser, necessariamente, reconhecida pela academia, uma vez que são produzidas no âmbito da pós-graduação.

A apresentação de pesquisas concluídas ou em curso, que são construídas a partir de modos não tradicionais de escrita, permitiu que trocássemos sobre nossos desafios, individuais e coletivos, entendendo que superá-los, propondo outras formas de pesquisar e escrever, é também uma maneira de alterar, ainda que sutilmente, o modo como se constroem nossos campos de interesse. Percebemos que tanto o que é pesquisado, como a forma a partir da qual pesquisamos e escrevemos são caminhos para uma revisão da ciência moderna tradicional, dura, embora ainda que de forma localizada.

5 Resultados obtidos

Nesse processo ouvimos alguns relatos que nos provocaram a pensar que o fazer-tese pode ser também a tese em si ao aproximarmos processo e resultado: "mostrar os caminhos que levaram aos pensamentos da tese". Também refletimos sobre o como nos desvinculamos daquilo que parece não ser científico para apresentarmos resultados que nos descolam do que entregamos: "Costumamos nos afastar do afeto no processo de pesquisa". Dessas discussões emergiram questionamentos sobre o que perdemos quando nos descolamos desses outros âmbitos do pesquisar – que existem e continuarão existindo, principalmente quando nos propomos a construir pesquisas situadas – para a construção de um texto que se apresenta a partir de uma estrutura e de uma linguagem chanceladas no âmbito acadêmico.

Também discutimos sobre a experimentação além do texto – diagramação, encadernação, uso dos papéis, pesquisa por imagem, ou seja, elementos cotidianos da atividade de design – também importantes elementos de feitura da própria tese. Ao avaliarmos as dificuldades institucionais de sair da rigidez das formas houve a sugestão de estreitar a conversa sobre limites e possibilidades de formatação dos documentos de dissertação/tese com algum bibliotecário (no caso, da Uerj), para entender por onde conseguimos flexibilidade de experimentação sem sair das normas exigidas.

Algumas das participantes fizeram escolhas que não estão necessariamente dentro das normas adotadas pelos programas de pós-graduação, como as normas ABNT, em seus documentos de apresentação das bancas finais e se debatem com a normatização tão rígida em um curso de design, que impossibilita projetos gráficos próprios.

Ao conversarmos sobre a escrita das cartas, outros relatos sobre a maneira de produzi-las surgiram, como: "através das cartas, usamos emoção e temos liberdade para escrever sem as amarras da escrita acadêmica".

Acreditamos que a realização dessa atividade foi um ponto de partida para pensarmos de maneira coletiva a construção de pesquisas que valorizem os afetos e as correspondências entre a pesquisa e os modos de realizá-la, o objeto e a pesquisadora.

6 Desdobramentos possíveis

De forma coletiva resolvemos construir um grupo de trabalho para trocarmos sobre nossos processos de escrita e escrevermos juntas. A primeira tarefa, após conversação, foi responder cartas umas das outras. O objetivo é que, a cada atividade desenvolvida, troquemos sobre o processo e avaliemos a continuação ou não de novas atividades.

7 Bibliografia

GELL, Alfred. **Arte e agência: uma teoria antropológica**. Coleção Argonautas. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

HARAWAY, Donna; TORRES, Helen. **Ficar com o problema de Donna Haraway**. Tradução Ana Luiza Braga et al. <<https://www.n-1edicoes.org/textos/132>>

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa da ficção**. São Paulo: n-1 Edições, 2021.

SIQUEIRA, P., & FAVRET-SAADA, J. (2005). **“Ser afetado”**, de Jeanne Favret-Saada. *Cadernos De Campo* (São Paulo - 1991), 13(13), 155-161. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161>